

3ª Série



BEM VINDO! CANAL SEDUC-PIB

PROFESSOR: LUIZ ROMERO

DISCIPLINA: LITERATURA

CONTEÚDO: MODERNISMO

CONTEMPORÂNEO – POESIA

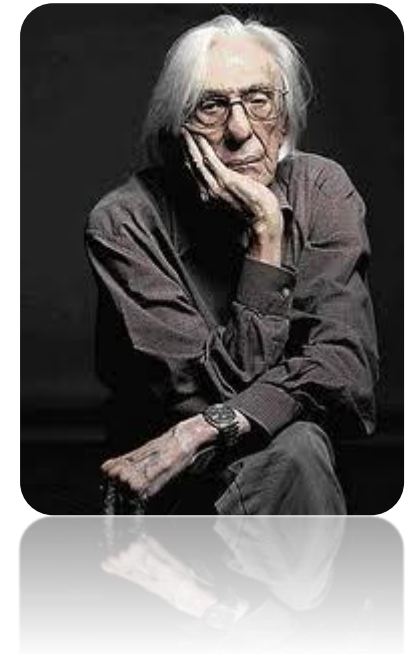
AULA: 02



FERREIRA GULLAR (1930–2016)

**“Meu poema
É um tumulto, um alarido:
Basta apurar o ouvido.”**

- Poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor.
- Vinculação inicial à vanguarda concretista.
- Poesia participante / engajada.
- Social, político (exílio).
- Definição de uma poesia “de identidade Latino-americana.
- Prêmio Camões de 2010 / ABL - 2014



Obras:

Um pouco acima do chão (1949)

~~A luta corporal (1954)~~

Dentro da noite veloz (1975)

~~Poema sujo (1976)~~

→ epi u

O vil metal (1954/60)

Poemas concretos / neoconcretos (1957/58)

A vertigem do dia (1987)

Barulhos (1987)

Cidades inventadas – contos (1997)

Muitas vozes (1999)



Traduzir-se

→ Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

→ Uma parte de mim é
multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim almoça
e janta:
outra parte
se espanta.

Metalinguagem

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
– que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

DOIS E DOIS: QUATRO

Como dois e dois são quatro

sei que a vida vale a pena

embora o pão seja caro

e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros

e a tua pele, morena

como é azul o oceano

e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena
e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

– sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena.

Social
Político

MEU POVO, MEU POEMA

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra
fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta

TROPICALISMO

- Movimento cultural iniciado em 1967 (festivais de música popular brasileira da TV Record).
- Proposta de uma postura nacionalista crítica / e ruptura formal e linguística / influência do concretismo / originalidade e irreverência.
- **Idealizadores:** Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Os *Mutantes*, o maestro Rogério Duprat e o poeta Torquato Neto.
- **Outras manifestações:**
 - Artes plásticas:** Hélio Oiticica
 - Cinema:** Gláuber Rocha
 - Teatro:** José Celso Martinez

Geleia Geral

Um poeta desfolha a bandeira
E a manhã tropical se inicia
Resplandente, cadente, fagueira
Num calor girassol com alegria
Na geleia geral brasileira
Que o Jornal do Brasil anuncia

Ê, bumba-Yê-Yê-boi
Ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-Yê-Yê-Yê
É a mesma dança, meu boi



A alegria é a prova dos nove
E a tristeza é teu porto seguro
Minha terra é onde o sol é mais limpo
E Mangueira é onde o samba é mais puro
Tumbadora na selva-selvagem
Pindorama, país do futuro

Ê, Bumba-Yê-Yê-boi
Ano que vem, mês que foi
Bumba-Yê-Yê-boi
É a mesma dança, meu boi (...)

POESIA MARGINAL DE 70

- Linguagem diversificada / aproximação da prosa / ironia / humor / tom coloquial.
- Temas do cotidiano / Denúncia da situação de medo (ditadura militar).

Principais autores:

Chacal (Ricardo de Carvalho Duarte)
Cacaso (Antônio Carlos de Brito)

CACASO (1944 - 1987)

- Professor de literatura, poeta em tempo integral, ensaísta, letrista, desenhista, meio hippie.
- Seus livros revelaram uma das mais combativas e criativas vozes daqueles anos de ditadura e desbunde.
- Se converteu num dos principais artífices da poesia **marginal** dos anos 70.

Obras:

A palavra cerzida (1967)

Grupo escolar (1974)

Beijo na boca (1975)

Segunda classe (1975)

Na corda bamba (1978)

Mar de mineiro (1982)

Lero-Lero (Poesias completas, 2002)



CHACAL (1951)

músico e letrista; poeta criativo, original, irreverente.

Muito Prazer, Ricardo (1971), Preço da Passagem (1972), América (1975), – Quampérius (Nuvem Cigana, (1977) ; Olhos Vermelhos (1979), Nariz Aniz (1979) , Boca Roxa (1979), Tontas Coisas (1982) ; Drops de Abril (1983), Comício de Tudo (1986), Letra Elétrica (1994), Posto Nove (1998), A Vida é curta pra ser pequena (2002), Belvedere (2007)



ANA CRISTINA CÉSAR (1952 – 1983)

- Escritora, tradutora e professora
- Subjetividade intensa
- Pouca influência das tendências de sua época
- Diálogo com a própria experiência do mundo
- Necessidade da escrita (**metalinguagem**)

Obras:

A Teus Pés – (1982)

Inéditos e Dispersos – (1985)

Novas Seletas (póstumo)



SONETO

Pergunto aqui se sou louca
 Quem quer saberá dizer
 Pergunto mais, se sou sã
 E ainda mais, se sou eu

Que uso o viés pra amar
 E finjo fingir que finjo
 Adorar o fingimento
 Fingindo que sou fingida

Pergunto aqui meus
 senhores
 quem é a loura donzela
 que se chama Ana Cristina

E que se diz ser alguém
 É um fenômeno mor
 Ou é um lapso sutil?



NOITE CARIOCA

Diálogo de surdos, não: amistoso no frio.
 Atravanco na contramão. Suspiros no
 contrafluxo. Te apresento a mulher mais
 discreta do mundo: essa que não tem nenhum
 segredo.